

13-08-2026

O Vazio Ocupado

Carolina Gomes de Jesus

[Doutora PPGeo/ Universidade Federal de Jataí. Grupo Dona Alzira]

Há ausências que chegam fazendo barulho. Derrubam certezas, interrompem rotinas e transformam uma casa inteira em um lugar desconhecido. Outras, porém, entram em silêncio. Sentam-se à mesa sem pedir licença, ocupam a cadeira vazia, permanecem no quarto, passeiam pelos corredores e aprendem a morar dentro da gente. São essas as mais difíceis de enfrentar, porque não anunciam a própria presença; apenas permanecem. O café continua fervendo todas as manhãs. O relógio insiste em marcar as horas. A luz atravessa a janela do mesmo jeito de antes. O mundo, indiferente, segue seu curso como se nada tivesse acontecido. Mas quem perdeu alguém sabe que o tempo nunca mais é o mesmo. Existe um antes e um depois da ausência. Há uma vida que continua acontecendo por fora, enquanto, por dentro, tudo parece suspenso.

Ainda deixo, por instantes, um segundo copo sobre a mesa. É um gesto involuntário, quase automático, como se o corpo demorasse mais que a razão para compreender aquilo que o coração insiste em negar. Depois percebo o equívoco e recolho o copo devagar, como quem desfaz uma esperança que nunca chegou a existir. A casa guarda lembranças com uma fidelidade impressionante. Cada canto parece conservar um pedaço de voz, um riso esquecido, uma conversa interrompida. Existem lugares que continuam pertencendo a quem partiu. A poltrona favorita, o travesseiro ainda levemente afundado, o perfume que insiste em permanecer dentro do guarda-roupa, a caneca preferida escondida entre tantas outras. Os objetos parecem se recusar a aceitar aquilo que a vida impôs. Descubro, então, que o luto também mora nas pequenas coisas. Ele aparece quando encontro uma fotografia antiga, quando escuto uma música conhecida, quando preparo uma receita que antes era compartilhada ou quando, sem perceber, procuro alguém para contar uma notícia que jamais será ouvida. São detalhes quase invisíveis para quem observa de fora, mas gigantescos para quem os vive. Às vezes pego o telefone. O nome continua salvo na agenda, intacto, como se ainda existisse a possibilidade de uma ligação. Abro a conversa, releio mensagens antigas e, por alguns segundos, esqueço que o tempo não responde. É estranho como a tecnologia preserva vozes, fotografias e palavras, mas não consegue devolver um abraço.

O abraço... Talvez seja dele que sentimos mais falta. Não apenas do gesto, mas da certeza que ele carregava. Havia pessoas que tinham o dom de colocar o mundo no lugar com um simples encontro de braços. Quando elas partem, percebemos que nenhum outro abraço ocupa exatamente o mesmo espaço.

O luto também ensina sobre a permanência. Aos poucos compreendemos que algumas pessoas deixam de caminhar ao nosso lado, mas continuam caminhando dentro de nós. Permanecem nos conselhos que repetimos sem perceber, nas expressões que herdamos, nas escolhas que fazemos lembrando do que elas diriam. A ausência física jamais apaga a presença construída pelo amor. Não existe relógio capaz de medir o tempo da saudade. Há dias em que ela chega mansa, quase uma visita delicada. Em outros, invade tudo como uma tempestade inesperada. Não respeita datas, aniversários ou calendários. Basta um cheiro, uma música, um lugar ou uma palavra para que ela desperte novamente.

Talvez seja esse o maior aprendizado do luto: entender que esquecer nunca foi o objetivo. O amor verdadeiro não desaparece quando alguém parte. Apenas muda de lugar. Deixa de existir no toque e passa a habitar a memória. Sai das conversas diárias e transforma-se em silêncio. Deixa de caminhar ao nosso lado para caminhar dentro de nós.

Com o tempo, a dor já não ocupa todos os espaços. Ela aprende a dividir lugar com a gratidão. As lágrimas continuam existindo, mas passam a conviver com os sorrisos provocados pelas lembranças felizes. Descobrimos que amar alguém também é permitir que sua história continue florescendo em nossas atitudes. A cadeira permanece vazia. O segundo copo nem sempre volta para a mesa. O telefone já não é aberto todos os dias. Ainda assim, há uma presença que insiste em permanecer. Não é possível vê-la nem tocá-la, mas ela ocupa um lugar que ninguém mais conseguirá preencher.

**Talvez o verdadeiro nome da saudade seja esse:
um vazio que nunca esteve realmente vazio,
porque foi preenchido para sempre
pelo amor de quem passou por nossa vida e deixou,
na simplicidade dos dias,
marcas que nem o tempo consegue apagar.**

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog, dos participantes do Fórum Intersindical e do Grupo de Estudos MultiVisat. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.